



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FACS)
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

**Danos socioambientais, transformações e resistências culturais: O Boi Marronzinho
como processo de cultura contra-hegemônica no território da Macrodrenagem do
Tucunduba, em Belém (PA)**

Ingred Raiane Rosa de Abreu

Belém-PA

2026

Ingred Raiane Rosa de Abreu

Danos socioambientais, transformações e resistências culturais: O Boi Marronzinho como processo de cultura contra-hegemônica no território da Macrodrenagem do Tucunduba, em Belém (PA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a orientação do Prof. Dr. André Luís Assunção de Farias, como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

Belém-PA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A162d Abreu, Ingrid Raiane Rosa de.
 Danos socioambientais, transformações e resistências culturais:
 O Boi Marronzinho como processo de cultura contra-hegemônica
 no território da Macrodrenagem do Tucunduba, em Belém (PA) /
 Ingrid Raiane Rosa de Abreu. — 2026.
 29 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. André Luís Farias de Assunção
 Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Ciências
 Sociais, Belém, 2026.
1. Resistência cultural. 2. Macrodrenagem do Tucunduba.
 3. Movimento sociais. 4. Etnografia urbana. 5. Conflitos
 sociais em Belém. I. Título.

CDD 301

Ingred Raiane Rosa de Abreu

Danos socioambientais, transformações e resistências culturais: O Boi Marronzinho como processo de cultura contra-hegemônica no território da Macrodrenagem do Tucunduba, em Belém (PA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

Aprovado em, _____ de _____ de _____.

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luís Assunção de Farias
Orientador - UFPA

Profª. Dra. Nelissa Peralta Bezerra
Membro da Banca - UFPA

Prof. Dr. Rafael Zílio
Membro da Banca - UFOPA

Belém-PA

2026

AGRADECIMENTOS

Expresso profunda gratidão, em primeiro lugar a Deus que me fortalece a vida inteira e não me permitiu desistir nas dificuldades enfrentadas nessa graduação. Em seguida agradeço aos meus pais, Gesiel Abreu e Darialva Rosa, os maiores responsáveis por me proporcionar amor, cuidado, apoio e confiança que me guiam ao longo da jornada acadêmica e pessoal. Agradeço especialmente também a minha tia Francis Rosa, Vovó Otacilla Borges, Vovô Domingos Rosa e o Lucas Lopes, por estarem sempre presentes, orando e celebrando cada conquista. De modo geral, estendo gratidão a todos os familiares que torceram e acreditaram nesse sonho.

À Universidade Federal do Pará, Faculdade de Ciências Sociais e a todos os professores, minha gratidão pela acolhida, compartilhamento de conhecimentos e pela formação profissional que me proporcionaram. Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Dr. André Luís Assunção de Farias que foi fundamental para a realização deste trabalho, e a Prof^{ta}. Dr^a. Nelissa Peralta Bezerra por ter acompanhado grande parte da minha jornada acadêmica e ter aceitado carinhosamente fazer parte da banca examinadora.

Aos organizadores do Boi Marronzinho e aos moradores da Terra Firme que contribuíram para a pesquisa, gratidão por me receberem muito bem e ajudarem a compreender a complexidade cultural e a luta social desenvolvida por vocês. Sem a participação de vocês esse trabalho não seria possível, obrigada por confiarem em mim para contar suas histórias, suas experiências e por poder vivenciar o calor cultural que vocês realizam constantemente. Vocês são uma parte essencial disso, gratidão.

Por fim, agradeço aos meus colegas, em especial à Diana, Caiky, Matheus, Clícia, Thainara, Thiago, e aos colegas de turma pela amizade, companheirismo e apoio mútuo durante essa caminhada que se tornou mais leve pela presença de vocês.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	11
3 GRANDE PROJETO DA MACRODRENAGEM DO TUCUNDUBA E TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS	13
4 RESISTÊNCIA CULTURAL: A ATUAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA DO BOI MARRONZINHO	15
5 “NEM TUDO ESTÁ PERDIDO?”	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	28

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o papel do espaço sociocultural Boi Marronzinho na construção de práticas culturais contra-hegemônicas no bairro da Terra Firme, em Belém (PA). Assim, focamos em compreender e compartilhar de que maneira as ações educacionais, socioambientais e de valorização a cultura popular amazônica desenvolvidas pelo coletivo contribuem para o fortalecimento dos processos de resistência e organização comunitária em um território periférico historicamente marcado pela desigualdade socioespacial implantado pela negligência do poder público. A pesquisa está inserida no contexto dos impactos produzidos pelo Grande Projeto de Macrodrenagem da bacia do Tucunduba, vale ressaltar que essa intervenção é uma das principais pautas discutidas pela população, pois reconfigurou o espaço e produziu efeitos significativos sobre o cotidiano dos moradores, e as dinâmicas sociais estabelecidas por décadas nesse espaço. Diante disso, utilizamos a etnografia como metodologia, realizando entrevistas com moradores da localidade, participantes do espaço cultural e acompanhando atividades realizadas, além da revisão de literatura sobre antropologia urbana e ecologia política. Argumentamos no decorrer deste trabalho como o Boi Marronzinho atua como um importante agente de mobilização social, promovendo a preservação natural, identidade cultural local e a articulação de estratégias coletivas para o enfrentamento das transformações e conflitos decorrentes dos processos de urbanização forçada inclinado ao desenvolvimento com traços coloniais na metrópole paraense.

Palavras-chave: Resistência cultural; Macrodrenagem do Tucunduba; Movimentos sociais; Etnografia urbana; Conflitos sociais.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the role of the Boi Marronzinho Sociocultural Center in the construction of counter-hegemonic cultural practices in the Terra Firme neighborhood of Belém, Pará, Brazil. Specifically, it sought to understand and demonstrate how the educational, socio-environmental, and Amazonian popular culture initiatives developed by the collective contribute to strengthening processes of resistance and community organization in a peripheral territory historically marked by socio-spatial inequality resulting from public sector neglect. The research is situated within the context of the impacts produced by the Tucunduba Basin Macrodrainage Project. This intervention has become one of the main issues discussed by the local population, as it has reconfigured the urban space and significantly affected residents' daily lives, as well as the social dynamics that have developed in the area over the decades. Ethnography was adopted as the methodological approach, involving interviews with local residents and participants of the cultural center, participant observation of activities carried out at the site, and a literature review on urban anthropology and political ecology. This study argues that the Boi Marronzinho acts as an important agent of social mobilization by promoting environmental preservation, safeguarding local cultural identity, and fostering collective strategies to address the transformations and conflicts resulting from forced urbanization processes associated with urban development shaped by colonial legacies in the metropolitan region of Pará.

Keywords: Cultural resistance; Tucunduba Macro-drainage; Social Movements; Urban ethnography; Social conflicts.

1 INTRODUÇÃO

Os grandes projetos urbanos (GPU) de infraestrutura vêm sendo implementados ao longo das últimas décadas com a promessa de ser a solução para problemas estruturais da urbanização no país, estas problemáticas estão relacionadas à mobilidade, saneamento e drenagem de águas nas cidades brasileiras. Porém, essas intervenções têm ocasionado riscos que produzem conflitos complexos nos territórios, e consequentemente afetam o cotidiano cultural, social e econômico das populações que habitam esses locais. Segundo Farias e Malato (2022), a Amazônia é envolvida com frequência a conflitos socioambientais associados a grandes projetos por disputas desiguais pelo uso de recursos naturais, como a água, terra e etc. A região metropolitana de Belém (RMB) é uma das mais afetadas por esses projetos, como é demonstrado no caso Tucunduba.

Diante disso, este estudo está direcionado na situação da cidade amazônica Belém do Pará que originalmente apresenta em sua formação urbana a ligação profunda às águas, lidando em sua história com questões de vulnerabilidade territorial, infraestrutura precarizada e crescimento populacional sem o planejamento devido em torno dos rios, igarapés, nascentes, canais e etc (Leal; Ramos, 2022). Ao analisar o contexto, destacamos um exemplo significativo dessa questão que é o projeto de Macrodrenagem da Bacia do Tucunduba, considerada como uma das maiores áreas de drenagem da capital, ela abrange várias partes da cidade como os bairros do Marco, Canudos, São Brás, Universitário, Guamá e Terra Firme. A presente pesquisa busca compreender como a implementação do Grande Projeto Urbano da Macrodrenagem do Tucunduba (GPU-MT), sem o diálogo com a comunidade, tem afetado principalmente as pessoas em vulnerabilidade socioeconômica mais presente na periferia, que historicamente sofre com a ausência de políticas públicas habitacionais adequadas, como no caso da Terra Firme e Guamá considerados como “baixadas” da cidade (Cruz; Santos; Marinho, 2023).

O GPU-MT foi iniciado em meados de 1990 com o intuito de reduzir inundações e alagamentos na região, desde então a obra permanece entre paralisações e voltas ocasionadas pela troca governamental ou corte de verbas durante esses anos (Cruz; Santos; Marinho, 2023). Aqui, a relação tem sido negada ao alcance da população periférica belenense, onde grande parte de obras públicas para os territórios são realizadas apenas para o benefício dos bairros nobres localizados no centro da capital, mostrando o divisor de águas pelo poder aquisitivo (Baia, 2026). Enquanto nas periferias chegam transformações estruturais que tornam as comunidades subalternizadas a partir de um modelo de cidade que desvaloriza os aspectos naturais e culturais desses povos, o que pode ser considerado como um modo de negação do

direito à cidade. Tive contato com o tema ao presenciar essa situação através do tempo em que participei do Projeto Jovens Educadores Ambientais (JEAM) ligado ao Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará (NUMA-UFPA) a qual tem o objetivo de compartilhar conhecimentos e trocas educacionais com a juventude da região metropolitana de Belém afetada por grandes projetos que transformam os modos de vida nativos.

A metodologia da pesquisa utilizou abordagens da ecologia política e diálogo com a antropologia urbana, por meio de conceitos como: Grande Projeto Urbano (Vainer; Farias), Danos e Riscos Socioambientais (Acselrad; Farias), Transformações, Memória Coletiva e Resistências culturais (Little, Scott, Williams). Para tal, partiu de um levantamento bibliográfico que ajudou a compreender o estado da arte sobre a problemática urbana de Belém e organizar o referencial teórico da ecologia política e antropologia.

O trabalho ainda foi fortalecido pela etnografia, em pesquisa de campo, realizando visitas ao território em 2025 e 2026, tendo sido utilizado os seguintes dos instrumentos metodológicos: entrevistas livres, observação direta e fotografias (figuras 1,2,3,4 e 5). Além disso, o problema de pesquisa deste trabalho é: Como a experiência do Boi Marronzinho pode ser caracterizada como um modo de resistência a perdas culturais no território afetado pela Macrodrenagem do Tucunduba?. Visando isto, o objetivo deste trabalho é compreender como o grande projeto transformou o cotidiano das pessoas e impulsionou a necessidade de fortalecer alternativas culturais, como o boi marronzinho, para não perder totalmente os modos culturais que foram mudando com o afastamento do contato ativo que existia entre a natureza e a comunidade.

Este trabalho está dividido em 6 partes, a primeira é a introdução que abrange os processos iniciais do trabalho de pesquisa, os objetivos, fundamentação teórica, a segunda seção mostra a metodologia utilizada, em seguida o tópico “Grande Projeto da Macrodrenagem do Tucunduba e transformações culturais” desenvolve o surgimento da grande obra e como a realização ocasionou mudanças no dia-a-dia da população, a fase seguinte mostra como o Boi Marronzinho se envolve como um movimento de resistência cultural e social no território, seguindo para o momento do trabalho que acredita que “nem tudo está perdido” é um aspecto de compreensão a partir das vivências no campo que permitiram concluir que a população em parceria com movimentos sociais têm buscado sobreviver as injustiças, por fim as considerações finais descrevem os fatos entendidos durante todo o processo de leitura, etnografia e escrita deste trabalho.

2 METODOLOGIA

Este estudo se trata de uma pesquisa etnográfica com dados qualitativos colhidos durante a observação participante e a imersão ao trabalho de campo (Malinowski, 1978). A escolha do tema foi feita a partir do interesse pessoal em compreender como os espaços culturais urbanos encontram formas de resistir culturalmente contra projetos “modernos” na cidade de Belém. Previamente foi realizada a pesquisa bibliográfica exploratória feita a partir da leitura de artigos, matérias e obras produzidas acerca do tema, bem como levantamento das principais teorias que buscam compreender o fenômeno de grandes projetos, transformações e resistências culturais.

A realização do trabalho foi entre os anos de 2025 e 2026, logo na minha entrada ao Projeto Jovens Educadores Ambientais (JEAM), coordenado pelo Dr. André Luís Assunção de Farias, e pelo Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará (NUMA- UFPA). O método de história de vida para a realização de entrevistas foi utilizado com foco em depoimentos de alguns moradores afetados pela Macrodrenagem do Tucunduba no bairro da Terra Firme e Universitário.

Os participantes da pesquisa foram entrevistados em pesquisa de campo com o objetivo de compreender, por meio de depoimentos de vida sobre como o cotidiano popular foi transformado pela realização da grande obra. Houve aplicação de um pequeno questionário semiestruturado com respostas abertas realizado presencialmente com cinco pessoas e uma entrevista por rede social via chamada de vídeo no whatsapp com uma participante do movimento Tucunduba Pró-Lago Verde, três entrevistados são moradores próximo a UFPA, e um dos integrantes do Boi Marronzinho – Terra Firme. As dificuldades encontradas na composição da amostra variaram entre a pouca disponibilidade dos entrevistados, bem como a limitação de tempo para a realização das entrevistas e coleta dos dados.

Segundo Guy Michelat (1982), as informações que podem ser conquistadas através da entrevista não diretiva permitem com que a liberdade dada ao entrevistado possibilita um nível maior de profundidade em sua resposta. A entrevista não diretiva foi utilizada nesta pesquisa com foco em permitir a liberdade dos interlocutores para contar suas histórias de vida sem pressão, permitindo assim o alcance de informações importantes e não explícitas, com o objetivo de conhecer e se aprofundar na trajetória popular.

Nesta pesquisa foi usado o método de história de vida com um roteiro de perguntas abertas e escuta atenta da pesquisadora em campo. O roteiro da entrevista foi com pessoas de diferentes idades e situações sociais, as perguntas foram básicas acerca do contato com o rio, vínculo familiar e coletivo com o território, como forma de conhecer e deixá-los confortáveis para se aprofundarem em seus depoimentos acerca do tema, como a mudança ocorrida no local.

A narrativa dos participantes permitiu desvendar a influência de fenômenos objetivos e experiências subjetivas ocorridas ao longo de sua trajetória, na tentativa de identificar uma sequência e padrões similares em diferentes histórias individuais (Alonso, 2016). No caso das transformações culturais o objetivo foi compreender os fenômenos macro e microsociais que mudaram o contato e dia a dia dos moradores próximos à Macro drenagem do Tucunduba.

3 GRANDE PROJETO DA MACRODRENAGEM DO TUCUNDUBA E TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

Nesta seção apresentamos que o GPU da Macro drenagem do Tucunduba envolve a transformação estrutural do território para tentar controlar as águas pluviais que transitam na área urbanizada dos bairros de Belém, essa transição envolve questões muito mais complexas. Vale ressaltar que a bacia do tucunduba começou a ser utilizada como espaço de ocupação popular ao longo do século XX por famílias pobres por questões como a intensificação no fluxo de mercadorias para serem comercializadas na capital e a exploração de terra que causaram a expulsão de alguns povos, nesta atividade muitas pessoas principalmente do interior do estado foram forçados a migrar para a cidade em busca de melhorias na qualidade de vida, oportunidades de educação, trabalho, segurança, saúde pública, e etc., para a presente e/ou futuras gerações (Souza, 2025).

Por conseguinte, famílias pobres construíram suas casas em áreas de várzeas, próximas aos igarapés pela nula presença de políticas habitacionais, seguindo seu próprio plano de organização social que estabeleceu vínculos comunitários ligados de maneira profunda às águas, características presentes em diferentes localidades ocupadas por populações amazônicas. (LOBATO; BAHIA, 2020)

Nesta pesquisa, compreende-se que os GPUs tendem a produzir obras predatórias estruturadas a partir do sistema e modelo capitalista que busca mascarar a dinâmica sociais, históricas e territoriais presentes em uma dada região, essas atividades ocorrem com frequência, principalmente em áreas fragilizadas e ocasionam danos, conflitos e riscos socioambientais na

localidade (Farias; Monte, 2023). Logo, os grandes projetos oferecem uma reconfiguração nos territórios que em sua maioria representam a fragmentação territorial (Vainer, 2007).

No entanto, com o avanço da urbanização, os danos e problemas ambientais intensificados pelo despejo de lixo inadequado, precariedade na infraestrutura e esgotos inapropriados agravaram marcadores de vulnerabilidade social (Acseirad, 2015). As questões como alagamentos são problemas de risco sanitários reais que também podem ser entendidos segundo a reflexão de Ermínia Maricato (2003), ao analisar a crise urbana brasileira que se formou a partir da desigualdade social, produzindo cidades fragmentadas e forte segregação socioespacial. Na cidade de Belém do Pará essa situação é mais visível pela formação da cidade em torno das águas, ocorrendo em áreas baixas riscos de inundações que oferecem perigos à integridade dos moradores (Marinho; Rodrigues; Luz, 2023).

Ou seja, a urbanização forçada em áreas inapropriadas para estabelecer moradia causou desequilíbrio ambiental, social e econômico para quem ocupa as beiras do Tucunduba até nos dias atuais (Cardoso e Tavares, 2023). Nesse contexto, as entrevistas destacaram como a obra forçou o processo de deslocamento dos moradores fora do planejamento, originando a necessidade de fortalecer a manifestação popular contra as injustiças socioambientais recorrentes nas periferias. Diante dessa situação, encontramos espaços culturais realizados pelos próprios moradores que buscaram formas de resistir os obstáculos que interferem na realização das culturas paraense e/ou exclusivamente das comunidades para que não sejam totalmente perdidas pela “modernização”.

No GPU-MT podemos perceber essa forma de urbanização forçada quando notamos que os moradores em vulnerabilidade que povoaram principalmente as áreas de várzeas, ou seja, espaço inseguros no território, durante o trabalho de campo, as entrevistas com moradores do bairro universitário e conversa via whatsapp com uma liderança do movimento social Tucunduba Pró-lago verde, foi relatado que a grande obra abalou o modo de vida de muitas famílias, alguns tiveram que desocupar o local povoado por anos, a remoção sem amparo prévio para a construção da macrodrenagem trouxe prejuízo econômico para os removidos, pois o governo não pagou o valor necessário que as casas e terrenos valiam (Tavares; Cardoso, 2023).

Essa problemática intensifica a insegurança fundiária que foi relatada em outros GPU, como no de macrodrenagem da estrada nova (Cruz; Alves, 2016). Outros moradores tiveram rachaduras ou partes quebradas em casa pela força das máquinas usadas na construção e nada disso foi restituído pelo governo. Além disso, o processo de remoção abalou a saúde emocional

das pessoas, pois naquele território foi onde se estruturaram e com esforço construíram seus lares, estabeleceram família, criaram vínculo coletivo com os vizinhos e com o território que consideraram ser rico em frutas, presença animal e o contato arejado pela presença de árvores nos quintais o que foi se alterando com a grande obra nessa área, abaixo a entrevistada 1 descreveu essa questão:

Antes de iniciarem a macrodrenagem, aqui era muito rico, a gente tinha espaço para plantar, no meu quintal tinha açaí, abacate, mamão e muitas frutas, sempre vinham uns macacos também, aí a obra chegou aqui atrás de casa, tiveram que derrubar várias árvores e fomos perdendo esse espaço, a minha vizinha teve que se mudar e ficou até com depressão, ela amava as plantações e o espaço dela. (Maria Santarosa, entrevista concedida em: 3 out. 2025).

Nesse sentido, entendemos que o processo de obra da Macrodrenagem do Tucunduba persiste no modelo estabelecido pelo Estado de construir obras de infraestrutura que valorizam o benefício de “desenvolvimento” que tem se mostrado ineficaz em vários territórios (Castro, 2017). Com essa visão, vemos que as obras ocasionam e tendem a continuar causando mudanças significativas na vida da população, pois quando uma obra surge sem o reconhecimento do cotidiano, da história e situação de vida dos moradores, a reorganização não é só externa, muito pelo contrário, é complexa e pode reproduzir exclusão da classe social mais vulnerável, que é o que acontece. Como aconteceu com umas das entrevistadas, a Paula Santarosa: “Algumas paredes da minha casa racharam durante a construção da macrodrenagem, e o banheiro da minha mãe soltou algumas lajotas, ficou ruim e não restituíram o prejuízo” (Entrevista concedida em: 3 out. 2025)

Segundo Flavio Lobato e Mileide Bahia (2020) a urbanização amazônica tem gerado transformações que refletem no modo de viver das populações que “(sobre)vivem” na Amazônia, como no caso os moradores próximos ao Tucunduba foram obrigados a mudar o contato com os benefícios naturais que possuíam por uma modificação que ocasionou expulsão, desmatamento, prejuízos financeiros para uns e aterramento de práticas tradicionais.

4 RESISTÊNCIA CULTURAL: A ATUAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA DO BOI MARRONZINHO

Na perspectiva de resistência cultural entendemos que culturas não são homogeneizadas ou absorvidas nas disputas de poder. Em vez disso, os grupos e populações marginalizadas exercem em seus territórios formas de lutar pela “Recusa” de imposições excludentes,

modernizantes e racistas (Simpson, 2014). Nessa perspectiva, destacamos as perceptíveis transformações provocada pela Macrodrenagem da bacia do Tucunduba e as múltiplas formas de precarização vivenciadas pelo grau da desigualdade de oportunidades recorrente nas periferias de Belém.

Esse cenário expõe a motivação da criação de movimentos sociais organizados muitas vezes pelos próprios moradores. Entre os espaços observados, destacou-se de maneira significativa a atuação do movimento sociocultural sem fins lucrativos: a Associação Cultural Amazônica Boi Marronzinho da Terra Firme (ACABM - TF), considerada uma das principais referências culturais e comunitárias do bairro. Atuando mais do que um grupo voltado para apresentações folclóricas, o Boi Marronzinho representa um espaço de fortalecimento coletivo, formação política, acolhimento social e preservação das identidades culturais periféricas amazônicas.

Fundada em 23 de junho de 1993, surgiu como uma valorização da cultura do boi-bumbá, através disso, começou a articular organização para lidar com a expansão da cidade. A associação desenvolve suas atividades no Curral do Seu Cici, localizado na Passagem Brasília, na Terra Firme. O coletivo é uma importante expressão da cultura popular e referência na luta pela resistência da cultura amazônica diversificada dentro da periferia. Ao longo dos anos, o espaço consolidou-se como um ponto de encontro para os moradores, ou público externo que busca promover e participar de atividades culturais, educativas e sociais voltadas principalmente para pautas contra violência, trabalho infantil, inclusão social e a luta pela garantia do direito socioambiental com a participação de crianças, jovens, idosos e famílias. Sua atuação não é limitada apenas ao acesso à cultura, mas também às oportunidades de convivência comunitária, troca de conhecimentos e fortalecimento de vínculos sociais em um território historicamente marcado pela ausência de políticas públicas efetivas. Seu Joélcio Ataíde o guardião/coordenador diz: “Aqui realizamos muitas atividades, nos reunimos com vários movimentos sociais para ajudar a resolver as necessidades da população e do território” (Entrevista concedida em: 18 abril de 2026)

Tal iniciativa, pode ser relacionada como uma forma de resistência cultural contra-hegemônica ou hegemonia alternativa, definida a partir do conceito de Raymond Williams (1979) como:

É um complexo realizado de experiências, relações e atividades, com pressões e limites específicos e mutáveis. Isto é, na prática a hegemonia não pode nunca ser singular. Suas estruturas internas são altamente complexas, e podem ser vistas em

qualquer análise concreta. Além do mais (e isso é crucial, lembrando-nos o vigor necessário do conceito), não existe apenas passivamente como forma de dominação. Tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida e modificada. Também sofre uma resistência continuada, alterada, desafiada por pressões que não são suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra-hegemonia e hegemonia alternativa que são elementos reais e persistentes da prática. (Williams, 1979, p.115-116)

Nesse caso, no espaço tornou-se evidente que a existência do Boi Marronzinho e as pautas desenvolvidas por eles ultrapassam características dominantes, o foco na preservação de manifestações tradicionais popular do coletivo constrói diariamente formas que podem ser interpretadas como “resistência contra-hegemônica” (Williams, 1979), ao motivar práticas que desafiem os projetos de invisibilização social e territorial que atingem os bairros por pressão política e/ou social.

É isso que constitui uma prática contra-hegemônica, pois encontra alternativas de contrariar dominações elitistas em um contexto onde os grandes projetos urbanos ignoram realidades, necessidades das populações locais impondo transformações sem participação e escuta popular, o Boi Marronzinho surge como instrumento de afirmação cultural, defesa do direito a usufruir da cidade, dos benefícios e segurança que deveriam existir. A associação demonstra que a cultura não deve ser entendida como entretenimento ou expressão isolada, mas como elemento de luta fundamental na construção da identidade coletiva e na disputa por reconhecimento social, intercultural e interterritorial.

Figura 1 - Galeria do Boi Marronzinho



Fonte: própria da autora (2025)

Figura 2 - Banner informativo com contato e redes sociais do espaço cultural



Fonte: própria da autora (2025)

A cultura constitui um espaço permanente de disputa de sentidos, no qual os sujeitos produzem representações sobre si mesmos e sobre o mundo em que vivem, essa reflexão pode ajudar a compreender o processo desta pesquisa. Nesse sentido, o Boi Marronzinho revela como as práticas culturais podem fortalecer o conhecimento contra as desigualdades urbanas em uma cidade marcada pela segregação socioespacial, assim, os moradores da Terra Firme encontram na associação um espaço onde suas experiências, memórias, modos de vida são valorizados e suas raízes podem ser compartilhadas. O conceito de “Resistência Cotidiana” proposto por James Scott (1990/2013) ajudou-me a compreender esse fenômeno como uma estratégia de resistir aos avanços que oferecem ideias “modernizantes” que degradam a presença natural.

Além das atividades culturais ligadas ao boi-bumbá e às manifestações populares amazônicas, o grupo oferece diferentes ações educativas e comunitárias durante todo ano. Entre elas estão aulas de dança, teatro, música, oficinas culinárias, reforço escolar, cursinho pré-vestibular, educação ambiental e atividades voltadas para a conscientização política, preservação do tucunduba e lutas sociais. Essas iniciativas possuem relevância em um contexto territorial onde grande parte da população enfrenta dificuldades de acesso a serviços públicos de qualidade. Portanto, o Boi Marronzinho acaba assumindo também o papel social de formação cidadã e acessibilidade educacional para que a juventude periférica consiga alcançar níveis acadêmicos que deveriam ser oferecidos a todos pelo Estado.

Outro aspecto importante refere-se à capacidade do coletivo de articular diferentes grupos, movimentos e organizações populares da região. O Boi Marronzinho mantém diálogo com outros espaços culturais e movimentos sociais presentes na Terra Firme, Guamá e em outras áreas da Bacia do Tucunduba. Entre eles destacam-se o Movimento Periferia Viva Tucunduba Verde Resiliente, o espaço cultural Nossa Biblioteca, o Tucunduba Pró Lago Verde e o Chalé da Paz, que também desenvolvem ações relacionadas à luta por moradia digna, preservação ambiental, saneamento básico, educação popular, ancestralidade, tradição e valorização cultural. Essas articulações fortalecem as redes de solidariedade entre os moradores e amplia a capacidade de mobilização coletiva referente aos problemas enfrentados por esses bairros.

Essa questão faz refletir sobre como esses movimentos sociais estabelecem “redes culturais” para enriquecerem a luta contra o apagamento dos espaços históricos existentes nesses locais que apesar dos conflitos e discriminações originados por rastros ocidentais em

áreas como a de arquitetura e urbanização onde a ideia de “desenvolvimento” vem sendo implementado em diversos ambientes, como por exemplo nas grandes obras na infraestruturas.

Nesse sentido, a rede e conexão cultural relacionada a projetos, movimentos sociais e culturais desempenham um serviço valioso para a comunidade quando se unem em ações, como na realização de atividades socioambientais, essas redes fortalecem o alcance e mobilização popular para as próximas práticas.

Ademais, em uma das visitas ao barracão, a frase escrita na parede chamou atenção e tornou-se um dos elementos mais simbólicos observados no campo: “Disputar a cultura é disputar a cidade”. A frase sintetiza de maneira profunda a compreensão sociológica e política construída pelo coletivo, essa pauta ajuda a demonstrar o conceito de “conflito latente” elaborado por Paul Little (2006), pois apresenta que em um cenário onde os espaços culturais urbanos, como o Boi Marronzinho, disputam, mesmo que ocultamente, as relações de poder quando planejam e realizam projetos sem considerar a voz da população que terá que lidar cotidianamente como as mudanças. Nesse momento, a realização da cultura popular significa também reivindicar reconhecimento, participação política e a permanência no território. Deste modo, a cultura passa a ocupar papel central na luta contra processos de exclusão, apagamento histórico e desterritorialização.

Figura 3 - Pintura da frase na parede: “Disputar a cidade é disputar a cultura”



Fonte: própria da autora (2025)

Figura 4- Mural de conscientização da luta e valorização negra



Fonte: própria da autora (2025)

Outro elemento percebido foi a diversidade presente na organização do coletivo. O Boi Marronzinho reúne pessoas de diferentes formações sociais, acadêmicas, raciais, culturais e profissionais, criando um ambiente de acolhimento e troca diversificada. Essa pluralidade permite que o sentimento popular e as experiências de vida sejam vivenciadas entre os participantes. Frequentadores relataram que encontram no espaço um ambiente seguro para expressar suas opiniões, desenvolver habilidades artísticas e construir relações de solidariedade. Esse diálogo em bairros que por muitos discursos midiáticos são vistos e associados apenas à violência e à precariedade, a existência de espaços como o Boi Marronzinho rompe estigmas e evidencia a riqueza cultural produzida nas periferias amazônicas.

As festividades organizadas pelo coletivo também representam momentos fundamentais de fortalecimento da identidade cultural local. Entre os eventos mais importantes estão o “Berro do Boi” e o grandioso Cortejo, realizados anualmente entre os meses de maio e junho, que marcam as aberturas da temporada Junina e a comemoração do aniversário do Boi Marronzinho. A celebração reúne moradores, grupos culturais, artistas populares e diferentes coletivos sociais da região amazônica em momentos de confraternização. Durante as festas

acontecem apresentações musicais, carimbó, batucadas, dramatizações, bingos comunitários e diversas atividades culturais abertas ao público.

Não é somente um momento festivo, a observação de campo permitiu identificar que o “Berro do Boi” também funcionou como espaço de reflexão política e lutas sociais. Durante as apresentações do evento diferentes mensagens relacionadas às desigualdades sociais, ao racismo estrutural, a violência urbana, os impactos dos projetos urbanos invasivos, como o caso da macrodrenagem que de acordo com um interlocutor “cortou o vínculo social entre meio ambiente e população que se construiu durante décadas”. Durante uma das dramatizações apresentadas na festividade, os artistas denunciavam como as populações pobres, pretas e periféricas são responsabilizadas por problemas da cidade produzidos historicamente pela desigualdade social e a ausência de políticas adequadas. Essas representações revelam o espaço cultural como instrumento de conscientização crítica aos moradores.

Nesse contexto, a valorização das manifestações culturais tradicionais amazônicas desenvolvidas pelo Boi Marronzinho possui importância para a preservação da memória cultural do bairro da Terra Firme que foi atingido em vários aspectos pela Macrodrenagem do Tucunduba, onde o contexto de rápidas transformações urbanas e a ameaça de apagamento cultural, ensinar às crianças e aos jovens as músicas, danças, histórias e tradições torna-se uma forma de manter a identidade cultural do território. O coletivo compreende que preservar a cultura significa também preservar as experiências, os saberes e as formas de existência construídas durante a história vivida pelas populações periféricas principalmente na Amazônia.

Dessa maneira, a atuação do Boi Marronzinho evidencia que as periferias não podem ser entendidas apenas como espaços de carência ou vulnerabilidade social. Ao contrário, são territórios marcados por intensa produção cultural, organização comunitária e construção de lutas coletivas diante das desigualdades urbanas. A resistência cultural desenvolvida pelo Boi demonstra que, mesmo com os impactos provocados pela macrodrenagem do Tucunduba e o descaso do poder público, os moradores continuam criando formas de reafirmar suas identidades, fortalecer seus vínculos, disputar o direito constitucional de existir plenamente e considerar a relação entre a cultura e a natureza que sempre foi presente no estado (Cañete; Cañete; Cardoso, 2023).

Figura 5 - Final do grandioso cortejo de 33 anos do Boi Marronzinho



Fonte: própria da autora (2026)

Em suma, o Boi Marronzinho representa um grupo cultural tradicional da Terra Firme que trabalha por uma atuação que revele a voz e potência política da cultura como modo de usar a resistência, educação e transformação social nos territórios. Mesmo em meio às dificuldades enfrentadas pelos moradores da região, o grupo mantém vivo a esperança de construir uma cidade justa, democrática e capaz de reconhecer a importância das vozes silenciadas nos processos de planejamento urbano e “desenvolvimento” territorial, funcionando como uma infraestrutura social comunitária.

5 “NEM TUDO ESTÁ PERDIDO?”

No processo de realização da pesquisa foi possível perceber que apesar dos inúmeros danos e riscos socioambientais impactos provocados pela Macrodrenagem da Bacia do Tucunduba, os moradores dos bairros mais impactados, Terra Firme e Guamá, continuam desenvolvendo formas de permanência, adaptação e resistência muitas vezes em parceria para lidar com as transformações impostas em seus territórios. A grande obra, embora tenha sido marcada por problemas estruturais, ausência de diálogo efetivo com a população e diversos

danos sociais e ambientais, não conseguiu apagar completamente os vínculos históricos e afetivos estabelecidos entre a população e o Tucunduba. Pelo contrário, ficou evidente que os moradores seguem buscando maneiras de reconstruir suas relações com o espaço e reafirmar o sentimento de pertencimento ao lugar onde construíram suas histórias de vida.

Então, a percepção sobre a macrodrenagem não ocorre de maneira totalmente homogênea. Muitos reconhecem que o bairro necessitava de melhorias na infraestrutura urbana, especialmente em relação ao saneamento, drenagem e redução dos frequentes alagamentos que atingiam (ainda atingem) áreas dos bairros durante os períodos chuvosos.

Em diferentes relatos, moradores afirmaram que a ausência do poder público contribuiu para a precarização das condições de moradia ao longo do tempo, tornando necessária a implementação de políticas públicas voltadas para infraestrutura urbana, legalização dos terrenos e acesso à moradia digna. Sobre a macrodrenagem, as críticas direcionam-se principalmente à forma como o projeto foi conduzido, marcado pela falta total de diálogo do poder público com a população, processo de remoção dos moradores e pela desconsideração dos modos de vida das populações locais (Tavares, 2023).

Nesse contexto, uma das principais questões observadas refere-se à ruptura provocada pela obra no cotidiano comunitário. Antes da intervenção urbana, muitas famílias mantinham uma relação intensa com o rio e com a paisagem natural existente nas proximidades do Tucunduba. Todos os moradores relatam lembranças associadas à pesca, ao banho no rio, à presença de árvores frutíferas e ao contato com diferentes espécies de animais.

Essas experiências faziam parte da construção simbólica e cultural do território, fortalecendo vínculos coletivos e práticas de convivência comunitária. Com o avanço do grande projeto, parte dessa paisagem foi substituída pelo concreto, alterando intensamente a dinâmica social e ambiental da região. Sobre esse problema, a entrevistada do Movimento Tucunduba Pró-lago Verde, dona Dinha falou: “No Lago Verde, por exemplo, não teve escuta governamental para a nossa reivindicação por áreas de lazer, só colocaram concreto (cimento), nas obras da Doca ou bairros mais elitizados sempre constroem espaços para socializar e na periferia não chega isso.”

Mesmo com as mudanças e a estrutura desigual, o trabalho de campo demonstrou que os moradores continuam criando estratégias para manter viva a relação com o Tucunduba. Aos finais de semana, por exemplo, é comum presenciar grupos de pessoas reunidas nas proximidades do canal realizando momentos de lazer, confraternização e sociabilidade. As

famílias se encontram para cozinhar, ouvir música, conversar, pescar e compartilhar o espaço coletivo, transformando áreas impactadas pela obra em locais de convivência com o frescor das águas do rio. Esses momentos revelam que o território continua sendo apropriado simbolicamente após as intensas transformações impostas pelo projeto urbano.

Além disso, diferentes coletivos sociais e culturais têm desenvolvido ações voltadas para o cuidado ambiental e para o fortalecimento da região. Durante as passagens foram identificadas iniciativas de plantio de árvores, campanhas de conscientização ambiental, mutirões de limpeza de resíduos para uso recicláveis e atividades educativas organizadas pelos próprios moradores e movimentos sociais locais. Essas práticas demonstram que a população não permanece passiva diante dos problemas enfrentados, ao contrário, os moradores constroem alternativas múltiplas para enfrentar os impactos ambientais e reivindicar melhorias para seus bairros.

Outro aspecto importante observado durante as conversas com os interlocutores foi a defesa de um modelo de urbanização mais integrado às características amazônicas do território. Alguns moradores destacaram que o Tucunduba poderia ter sido revitalizado sem perder completamente seu uso. Em vez de transformar o espaço em um canal cercado por concreto e esgoto, muitos acreditam que seria possível desenvolver projetos que valorizassem a navegação, o lazer, a preservação ambiental e a mobilidade fluvial, elementos profundamente ligados à formação histórica de Belém e das populações amazônicas. Essa percepção revela que os moradores não são contrários às melhorias urbanas, mas buscam o direito de participar das decisões que afetam diretamente seus modos de vida.

Devido a isto, compreender que “nem tudo está perdido” significa reconhecer a capacidade de resistência presente nas periferias amazônicas, entendendo pessoalmente a condição da Terra Firme e Guamá. Para que continuem evitando novas formas de precarização, remoções e as alterações culturais que foram provocadas pela macrodrenagem, os moradores persistem em produzir a solidariedade, pertencimento, lutas sociais e práticas culturais.

Os movimentos sociais, espaços comunitários e as relações cotidianas estabelecem entre as pessoas que o território permanece vivo e em reconstrução. Logo, o Tucunduba não pode ser entendido apenas como espaço de degradação ou problema urbano, mas como lugar de memória, identidade, resistência e esperança para aqueles que continuam disputando o direito de existir e se reproduzir na cidade ou em qualquer espaço que ocupem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a análise desenvolvida ao longo da etnografia permitiu compreender que o projeto de Macrodrenagem da Bacia do Tucunduba não pode ser interpretado apenas como uma intervenção técnica voltada para o saneamento urbano e a redução de alagamentos. Embora a obra tenha surgido a partir de demandas reais relacionadas à precariedade da infraestrutura nos bairros periféricos de Belém, especialmente na Terra Firme e no Guamá, sua implementação revelou contradições sociais, culturais e ambientais que atingiram diretamente a população originalmente marginalizada nesses territórios. O estudo demonstrou que os grandes projetos urbanos, quando executados sem diálogo efetivo com as comunidades locais, tendem a reforçar desigualdades já existentes, intensificando processos de exclusão social, desterritorialização e apagamento cultural.

Ao longo da pesquisa realizada nos bairros afetados, percebeu-se que os impactos da obra ultrapassaram os danos materiais apresentados nos discursos institucionais. As remoções forçadas, os prejuízos econômicos sofridos pelos moradores e as transformações abruptas na paisagem urbana provocaram rupturas emocionais e simbólicas profundas. Muitas famílias construíram suas histórias de vida nas margens do Tucunduba, estabelecendo relações afetivas, financeiras e culturais com o território e com as águas. Assim, quando a obra altera radicalmente esse espaço sem considerar a memória coletiva e o cotidiano das populações, ela interfere diretamente nos modos construídos ao longo de décadas.

Nesse contexto, o trabalho evidenciou que a urbanização amazônica não pode ser pensada a partir de modelos homogêneos de cidade que ignoram as especificidades territoriais da região. A relação histórica das populações amazônicas com rios, igarapés e áreas de várzea constitui elemento central na organização social desses territórios. A concretização dos canais, o aterramento de áreas naturais e a substituição da paisagem tradicional por estruturas rígidas de concreto representam mudanças físicas e a perda de referências culturais e ambientais importantes para as comunidades locais. Dessa forma, a pesquisa reforça a necessidade de compreender a urbanização amazônica para além das perspectivas técnicas de engenharia e arquitetura colonial, pois aqui precisa ser reconhecida a complexidade socioambiental presente nesses espaços.

Contudo, os referenciais teóricos utilizados ao longo do trabalho contribuíram para interpretar as contradições observadas na realidade estudada. Enquanto Williams (1979) permite entender o Boi Marronzinho como espaço produtor de contra-hegemonia, Scott (1990/2013) evidencia que essa resistência também se manifesta em práticas cotidianas. Simpson (2014) amplia essa leitura ao compreender tais atividades como formas de recusa em frente a tais projetos estatais homogeneizantes, enquanto Little (2006) demonstra que essas disputas ocorrem em contextos de conflitos socioambientais permanentes.

Além da pesquisa de campo que permitiu viver o que Magnani (2002) classificou como "olhar de perto e de dentro" sendo necessário para refletir questões que nem sempre são facilmente observáveis, como os relacionados a conflitos socioculturais que se estendem a tantos anos, essa dedicação possibilitou interpretar que o direito à cidade envolve não apenas acesso à bens infraestruturais, mas a participação efetiva da população nas decisões sobre os espaços ocupados por si. Da mesma forma como a desigualdade estrutural brasileira produz cidades fragmentadas, nas quais os territórios periféricos recebem políticas urbanas marcadas pela precarização e pela pouca participação popular. Assim, necessita contribuir para compreender a cultura como espaço de disputa política e resistência social, aspecto visível nas ações desenvolvidas pelos coletivos culturais presentes na Terra Firme e no Guamá.

Entre as formas de resistência, a atuação da Associação Cultural Amazônica Boi Marronzinho destaca que o coletivo demonstra em virtude dos impactos da macrodrenagem e a invisibilização das periferias, os moradores continuam construindo estratégias de fortalecimento comunitário, valorização cultural e reivindicação de direitos. Esse contexto pode ser explicado a partir do conceito de "Recusa" elaborado Audra Simpson (2014) que argumenta que os grupos subalternizados encontram formas de resistências culturais recusando imposições estatais, coloniais ou globalizantes. Seu Joécio Ataíde diz: "Estamos buscando formas de fazer com que a população não perca o vínculo com o Rio Tucunduba" (Entrevista concedida em: 18 de abril de 2026). Fundamentando-se nisso, o Boi Marronzinho apresenta essa resistência ao ultrapassar a dimensão de manifestação folclórica, e constituindo-se também como espaço político, educativo e cultural que fortalece identidades periféricas e preserva memórias coletivas ameaçadas pelos processos de urbanização excludentes, buscando garantir não só melhorias urbanas, mas reconhecimento, pertencimento e dignidade.

Uma particularidade importante observada na etnografia foi a tentativa de permanecer os vínculos entre os moradores e o Tucunduba, mesmo após as intensas transformações

causadas pela obra. Essas iniciativas revelam que a resistência cultural não ocorre apenas por meio de discursos políticos organizados, mas também nas pequenas práticas cotidianas que reafirmam o sentimento e ação em defesa da vida popular.

Portanto, os resultados demonstram que resistência cultural não constitui um efeito secundário das transformações territoriais, mas sim uma dimensão central da disputa pela produção do espaço urbano amazônico. Desse modo, conclui-se que aplicar políticas públicas em áreas da Amazônia exige reconhecer os saberes, experiências e necessidades das pessoas locais como elementos guiadores no planejamento urbano. As obras de infraestrutura são importantes e necessárias, especialmente em espaços marcados pela falta de investimentos governamentais, porém não podem ser executadas de forma autoritária e desarticulada da realidade social dos moradores. O caso da Macrodrenagem do Tucunduba demonstra que o desenvolvimento urbano não deve ser reduzido à modernização física da cidade, mas precisa considerar justiça social, preservação ambiental e valorização cultural como aspectos inseparáveis. Assim, este trabalho reafirma a importância de construir cidades mais democráticas, participativas e sensíveis às territorialidades nativas, nas quais a população periférica deixe de ser apenas alvo de intervenções urbanas e passe a ocupar posição ativa na construção de seu próprio futuro.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. *Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução*. In: SESC SÃO PAULO; CEBRAP (org.). Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016. p. 8-23. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf. Acesso em: 08 mai.. 2026.
- ACSELRAD, Henri. Vulnerabilidade social, conflitos ambientais e regulação urbana. *Rev. O social em Questão*, ano 18, n.33, p.57-68, 2015. Disponível em: https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_33_1_Acserald.pdf. Acesso em: 01 mai. 2026
- BAIA, Taiane Rocha. Grandes projetos urbanos, danos e riscos socioambientais: A desigualdade das águas na macrodrenagem do Tucunduba, Belém-PA/ Taiane Rocha Baia. - 2026. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente (NUMA - UFPA) Mestrado em uso de mestrado em planejamento do Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belem, 2026.
- CASTRO, Edna Ramos de. Amazônia na encruzilhada: saque colonial e lutas de resistência. In: CASTRO, Edna Ramos de (ORG.) Territórios em transformação na Amazônia: saberes, rupturas e resistência. Belém; NAEA, 2017. p. 19-48. Disponível em: <https://naea.website/editora-naea/Livros/isbn/978-85-7143-155-3.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2026
- CAÑETE, Thales Ravena; CAÑETE, Voyner Ravena; CARDOSO, Denise Machado. O direito Constitucional á diferença socioambiental das populações, povos e comunidades tradicionais amazônicos:fundamentações históricas. *Revista Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, v.51, n, 1, p.223-256, jan./jun. 2023*. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/68815>. Acesso em: 02 mai. 2026
- CRUZ, Sandra Helena Ribeiro; ALVES, Edivânia Santos. Regulamentação fundiária e ações insurgentes na cidade de Belém: o caso da Estrada Nova. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v.19, n.2, p.214-223, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1796/179648201005.pdf>. Acesso: 26 abr. 2026
- CRUZ, Sandra Helena Ribeiro; SANTOS, Gizele Cristina Carvalho dos; MARINHO, Taynáh de Nazaré Argolo. O direito à cidade nos territórios populares em Belém - PA. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0308, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0308>. Acesso em: 29 abr. 2026
- FARIAS, André Luís Assunção de; MALATO, Aline Pantoja. Conflitos socioambientais de grandes projetos urbanos: disputas desiguais no território metropolitano de Belém (PA).

REUMAM - Revista do Núcleo de Meio Ambiente da UFPA, V.7, n.1,2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/reumam/article/view/12990>. Acesso em: 03 mai. 2026

FARIAS, André; MOURÃO PANTOJA, Larissa; NUNES DA SILVA, Chistia; SILVA DE ALMEIDA, João Eduardo. GRANDES PROJETOS URBANOS E Distribuição desigual de danos e riscos na Amazonia: O caso da macrodrenagem da Bacia da Estrada Nova, em Belém (PA). Okara: Geografia em debate, [S.L.], v.17, n.2, p. 368-379, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/okara/article/view/66817> Acesso em: 04 mai. 2026

LEAL, M. V. S.; RAMOS, A. C. D. A bacia hidrográfica urbana do tucunduba: impactos no uso e ocupação do solo em Belém, Pará. Sustentabilidade: Diálogos Interdisciplinares, v. 3, e225538, 2022. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/iii_sustentare_vi_wipis/440693-a-bacia-hidrografica-urbana-do-tucunduba--impactos-no-uso-e-ocupacao-do-solo-em-belem-pa. Acesso em: 07 mai. 2026

LITTLE, Paul Elliot. Ecologia Política como etnografia: Um guia teórico e metodológico. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 12, n.25. p. 85-103, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832006000100005> Acesso em: 05 jun. 2026

LOBATO, F. H. S.; BAHIA, M. C. Entre a psicosfera da floresta e a psicosfera urbana: um mergulho etnográfico em uma comunidade amazônica. Revista Iluminuras, Porto Alegre, v.21, n.54, p.500-526, 2020. Disponível em: <https://funartemaisdigital.funarte.gov.br/periodicos/entre-a-psicosfera-da-floresta-e-a-psicosfera-urbana-um-mergulho-etnografico-em-uma-comunidade-amazonica/> Acesso em: 13 jun. 2026

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Disponível em: https://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/sele%C3%A7%C3%A3o%202016/Docfoc.com-MALINOWSKI_Argonautas-Do-Pacifico-Occidental-Os-Pensadores.pdf.pdf Acesso em: 06 jan. 2026

MAGNANI, J Guilherme. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17 (49), jun., São Paulo. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acesso em 28 mai. 2026

MARINHO, Andre Vicente do Rosario; RODRIGUES, Jose Edilson Cardoso; Luz, Luziane Mesquita da. Caracterização do risco ambiental em planícies urbanas: Uma abordagem a partir do perfil de renda média e suscetibilidade a inundações da bacia do Tucunduba, Belém-PA. Universidade e Meio Ambiente: Revista do Núcleo de Meio Ambiente da UFPA, Belém, v. 8, n.1, p. 90-109, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/reumam/article/view/14741>. Acesso: 07 mai. 2026

MARICATO, Ermínia. (2003). Metropole, legislação e desigualdade. Estudos Avançados, 17 (48), 151-166. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000200013>. Acesso em 27 fev. 2026

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia, In: THIOLLENT, Michael J. M. (org.). Crítica metodológica, investigação social & enquete operaria. 2. ed. São Paulo: Editora Polis, 1982. p.191-207. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/540918448/MICHELAT-Guy-Sobre-a-Utilizacao-da-Entrevista-nao-Diretiva-em-Sociologia-pg-191-211>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SIMPSON, Audra. *Mohawk Interruptus: Political Life Across the borders of settler states*. Durham: Duke University press, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/826496317/AudraSimpson-2014-MohawkInterruptusPoliticalLifeAcrosstheB>. Acesso em: 18 jun. 2026

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. O discurso oculto nas artes da resistência. Revista Em Perspectiva, Fortaleza, v.3, n.1, p.274-280, 2017. Resenha da obra de: SCOTT, James C. A dominação e as artes de resistência: Discursos ocultos . Tradução de Pedro Serras Pereira. Lisboa / Fortaleza: Livraria Letra Livre/Plebeu Gabinete de Literatura, 2013. 340p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51753>. Acesso em: 19 jun, 2026

SOUZA, Beatriz Costa de. “O rio que está morrendo é nosso avô”: uma análise dos efeitos da macrodrenagem na memória e vivência no tucunduba. 2025. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Faculdade de História, Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2025. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/737a55a5-14b1-4ea5-ac64-42a72030bbb6/content>. Acesso em: 22 jun. 2026

TAVARES, A. C. M.; CARDOSO, A. C. D. Ciclos de remoções em Belém (PA): a Bacia do Tucunduba e a reprodução da precariedade. Revista brasileira de estudos urbanos e regionais. v. 25, E202305pt, 2023. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/7096>. Acesso em: 20 fev. 2026

VAINER, C, B. (2007). Planejamento territorial e projeto nacional: os desafios da fragmentação. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, 9 (1), 9. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/167>. Acesso em: 25 fev. 2026

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. Disponível em: <https://culturaemarxismo.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/raymond-williams-marxismo-e-literatura.pdf> Acesso em: 19 mai. 2026